

Homem de idéias
1996

Luis Fernando Verissimo

Cronista (*Homem de Idéias* 1995)

“Certos homens transformam-se em monumentos a si mesmos. O Darcy Ribeiro teria todo direito à auto-solenização – pelo que significou para o país, pela importância da sua obra intelectual e política. Mas não existe ninguém menos monumento do que Darcy Ribeiro. Com sua vivacidade e bom humor, não fica quieto o tempo suficiente. Acho que nunca um adjetivo combinou tanto com um homem quanto “irreprimível” com ele. Justa a homenagem ao irreprimível Darcy Ribeiro.”

Alfredo Bosi

Crítico e ensaísta (*Homem de Idéias* 1992)

“A escolha deve, sem dúvida, recair na pessoa do professor Darcy Ribeiro. Todos conhecem a operosa e brilhante carreira deste intelectual: antropólogo apaixonado pela causa indígena, estudioso insigne da formação social brasileira e latino-americana, romancista original, homem público voltado para a reforma da educação, Darcy Ribeiro não é somente um bom nome para a distinção de *Homem de Idéias* de 1996, mas merece o título de um dos maiores intelectuais brasileiros do nosso tempo.”

Darcy Ribeiro

ZUENIR VENTURA

Nesses tempos de cinismo pós-moderno e de pragmatismo neoliberal, há uma tendência a achar que Darcy Ribeiro é uma idéia fora de lugar – ou de tempo. Os valores que encarna – a generosidade, a doação, o voluntarismo – passaram de moda. Ele é tido como um daqueles visionários cheios de impaciência com a realidade.

“Somei mais fracassos que vitórias em minhas lutas”, ele mesmo diz. Mas acha preferível assim. Como suas causas foram a salvação dos índios, a escolarização das crianças, o socialismo em liberdade e a universidade necessária, “horrível seria ter ficado ao lado dos que nos venceram nessas batalhas”. Por isso, quando recebeu o título de Doutor *Honoris Causa*, da Sorbonne, dedicou-o a suas “derrotas”.

Será Darcy Ribeiro a vocação perdedora de nosso projeto intelectual de poder, sendo Fernando Henrique a porção vitoriosa? Será um a *utopia impossível* e o outro, o presidente, o que chama de “utopia possível”? Na verdade, não se trata de contrapô-los, até porque se amam e se invejam desde os velhos tempos de universidade, quando o charme e a sedução de ambos embeveciam moças em flor nas salas de aula. São dois bichos que se beijam, cada um com o ego tão grande quanto a soma de suas vaidades.

A amizade deles resistiu ao *doce caviar do exílio* e vem resistindo a essa situação meio inesperada em que um está no poder e o outro, na oposição. Curiosamente, Darcy foi sempre quem esteve mais próximo do poder, quando nada para demonstrar a incompatibilidade entre ambos. Em

1964, era chefe da Casa Civil quando houve o golpe militar contra João Goulart. Depois, nos anos 70, estava próximo de Salvador Allende, no Chile, e do general Velasco Alvarado, no Peru, quando os dois caíram. Mas tarde juntou-se a Brizola.

De todo modo, Darcy considera um “luxo ter um intelectual da categoria de Fernando Henrique como presidente”, assim como o país considera uma felicidade ter a ele, Darcy, como alter ego ao modelo oficial, como resistência ao pensamento único, como representante da “tradição iracunda do pensamento brasileiro”, que começa com Gregório de Matos, passa pelo Padre Vieira, por Frei Caneca, Tobias Barreto, Manoel Bomfim, Gláuber Rocha e chega a ele, inventor da categoria.

Darcy é indispensável como consciência crítica, sobretudo porque seu pensamento não forma uma doutrina, um dogma. Trata-se de uma inteligência rebelde, anárquica e autônoma, que não se sujeita a qualquer colonização e não defende também a estreiteza sectária. Nunca se surpreendeu nele qualquer fundamentalismo ideológico. O seu lema é o de Anísio Teixeira, seu guru: “não tenho compromisso com minhas idéias, busco a verdade”.

Embora seja o nosso antropólogo mais importante, não se deve considerá-lo ao pé da letra como um cientista social. A liberdade que toma com as disciplinas acadêmicas faz com que esteja mais para a poética e a ética do que para a Ciência e a História. O seu ideário às vezes se confunde com o seu imaginário. É mais obra de arte do que tratado. Não foi feito para produzir adesão ou dissidência, mas admiração.

Todo o esforço teórico de Darcy tem sido no sentido de responder a uma pergunta: por que o Brasil não deu certo? Ele não se conforma que um país tão rico, com mais recursos do que os Estados Unidos, quase da mesma idade não tivesse destino igual. Sempre achou que as explicações eurocêntricas nunca deram conta da complexidade de nossa formação, daí porque não aderiu ao marxismo, ainda que tivesse recorrido a Marx e Engels.

Insatisfeito com as respostas dos outros, passou a buscar as suas, e nessa busca misturou vida e obra, teoria e prática, objeto e sujeito. Mergulhou em nossas raízes históricas e mergulhou literalmente nas aldeias indígenas durante dez anos para transformá-los nos “mais belos” que viveu. Das paixões de “todos os proscritos”, que alimentam o seu tom candente, o das “ínvias gentes índias” é o que mais o exalta (com exceção da paixão pelas mulheres, claro). “Não tê-los salvos, é a dor que mais me dói”.

Na história da nossa colonização, Darcy foi buscar muitas das teses e hipóteses que informam sua teoria de Brasil, um país que, segundo ele, foi concebido como subproduto de um empreendimento colonial cujo propósito era gerar “produtos exportáveis”. Algumas características parecem durar até hoje, como o projeto de uma “nação sem povo, só com mão de obra”. Nesse “moinho de gastar gente”, o colonizador criou uma brava gente para “adoçar a boca do europeu com açúcar, enriquecê-lo com ouro e melhorar sua vida com café”.

Continua na página 2